

Dossiê

Religião e Juventude

Os Jovens e a Religião na Sociedade Contemporânea

Cecília Mariz*

Paulo Gracino Jr.**

Wânia Mesquita***

A força de discursos religiosos conservadores na sociedade e política brasileiras parece crescer a cada ano no Brasil. Mais evidentes durante campanhas eleitorais, esses discursos são confrontados por vários setores sociais, majoritariamente jovens, que questionam a tradição e o conservadorismo. Como se posicionam os jovens pertencentes aos distintos grupos religiosos nesse contexto de oposições tensas? Tal questão já vinha se colocando há alguns anos para diferentes pesquisadores especializados no estudo da religião. A chegada de um evento católico internacional ao Rio de Janeiro fez com que a preocupação compartilhada se transformasse em um projeto coletivo, proposto e desenvolvido por um grupo interinstitucional de pesquisadores. A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 2013 se colocava para esse grupo como uma ocasião propícia para coleta de dados e análise da questão, ao menos no campo católico. O estudo de jovens católicos levou o grupo a pensar em comparações com jovens de religiões diferentes. A origem deste Dossiê está relacionada a esse projeto e, portanto, também a esse evento.

* Cecília Mariz é professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: marizcecilia@gmail.com.

** Paulo Gracino Jr. é professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) da Universidade Cândido Mendes (UCAM). E-mail: paulogracino@iuperj.br.

*** Wânia Mesquita é professora associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: mesquita@uenf.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1816-106X> .

¹ Era comum que esses jovens carregassem uma mochila com o logo da JMJ. Essa fazia parte de um kit distribuído a todos inscritos no evento, que consistia além da mochila e material religioso, tickets para transporte e alimentação. Os participantes também podiam ser identificados por portarem camisas com símbolos católicos ou fotos do Papa etc.

Em julho de 2013, a cidade do Rio de Janeiro foi ocupada por uma multidão de jovens de todas as partes do Brasil e do mundo. Movimentando-se pela cidade em grupos animados, esses jovens podiam ser facilmente identificados¹ como participantes das Jornada Mundial de Juventude, a JMJ. Anunciada com anos de antecedência, a JMJ já vinha sendo preparada há algum tempo, mobilizando não apenas a hierarquia católica e os fiéis dessa igreja, como também setores comerciais, de comunicação, turismo e órgãos públicos. O interesse por esse fenômeno ultrapassava o mundo católico; e não poderia ser de outra forma, tanto pela quantidade de participantes como pela dimensão internacional e política que o evento ganharia. Efetivamente a presença do Papa naquele evento no Rio de Janeiro atraiu outros chefes de Estado de países da América Latina. Além da presidente do Brasil na época, Dilma Rousseff, outros presidentes se fizeram presentes na missa final na praia de Copacabana.

Como era de se esperar, um evento de tal porte atraiu também a atenção de pesquisadores das ciências sociais. Alguns estudavam a estrutura urbana e a capacidade da cidade do Rio de Janeiro para receber grande quantidade de visitantes; pois, no ano seguinte a cidade receberia a Copa Mundial de Futebol (2014) e dois anos depois, as Olimpíadas (2016). A religião não era assim necessariamente o tema dos vários estudos sobre esse evento; mas, nosso grupo, formado por cientistas sociais especialistas no estudo da religião e filiados a distintas universidades de três estados do país, queria através da pesquisa da JMJ conhecer mais sobre os jovens que se identificavam como católicos.

Inicialmente, o que mais motivou nosso grupo foi a facilidade em levantar dados de jovens católicos de todo o Brasil e também do exterior reunidos por aquele evento no Rio de Janeiro. Entretanto, como já destacamos acima, o interesse da equipe não se reduziu ao jovem católico. Além do mais, para entender o que é específico dos católicos, era importante compará-los com jovens de outros grupos religiosos. O projeto foi então ampliado, realizando levantamentos em eventos de massa de dimensões bem menores, mas, organizados por outros grupos religiosos no Rio de Janeiro

¹ Era comum que esses jovens carregassem uma mochila com o logo da JMJ. Essa fazia parte de um kit distribuído a todos inscritos no evento, que consistia além da mochila e material religioso, tickets para transporte e alimentação. Os participantes também podiam ser identificados por portarem camisas com símbolos católicos ou fotos do Papa etc.

em anos seguintes: a Marcha para Jesus de 2014 e a Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa em 2015. Dessa forma, poderíamos comparar jovens católicos com os não católicos. Uma pesquisa de tal porte exigiu angariar recursos, o que foi possível graças ao apoio do Edital temático lançado em 2013 pela FAPERJ.

Como fica claro com o exposto, a JMJ motivou o projeto de pesquisa; todavia, o objeto principal era os jovens e a religião. Além de dados quantitativos, os pesquisadores também realizavam estudos qualitativos, orientavam mestrandos e doutorandos, que também estudaram jovens católicos, evangélicos e/ou sem religião no Rio de Janeiro. Para coroar o fechamento do projeto, convidamos pesquisadores que têm se dedicado a estudar juventude e religião a dialogar com nossa equipe e debater os textos por ela elaborados. Em janeiro de 2018, um encontro foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da UERJ; o que estimulou a equipe a refletir, ampliar e rever seus trabalhos. A partir do encontro novas questões foram levantadas e novas parcerias foram estabelecidas. Esse dossiê é, portanto, um de seus frutos.

Devido à variedade de questões, nem todos os textos discutidos puderam compor a presente publicação, o tema é bastante amplo para um único volume. Era necessário optar por focar em alguns problemas específicos; assim, de formas distintas, os artigos do Dossiê tratam basicamente de duas questões interligadas: a relação entre identidade religiosa dos jovens e suas atitudes e valores, por um lado; e por outro, a relação dos jovens com a instituição religiosa.

O artigo que abre nosso dossiê, de autoria de Paulo Gracino Junior, Gabriel Rezende e Janine Targino da Silva, discute dados do *survey* sobre atitudes quanto à pauta moral entre jovens católicos e evangélicos. Com foco na opinião sobre demandas por reconhecimento da diversidade religiosa, de gênero e comportamento sexual, e assentando-se na teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, os autores avaliam o grau de confiança institucional e sua relação com o posicionamento político desses jovens. O artigo conclui que quando comparados aos católicos e aos participantes da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, os evangélicos apresentam menores níveis de confiança com relação às instituições públicas, como judiciário ou o sistema educacional, e maior confiança na instituição religiosa, que é seguida de uma maior intolerância a diversidade.

Marcelo Camurça também discute dados quantitativos referentes aos jovens católicos que participavam da JMJ / 2013; mas, diferentemente

dos autores acima, compara os jovens católicos brasileiros com outros católicos da JMJ; especificamente, os da Europa definida como mais católica. Analisando respostas a diversas questões mais especificamente sobre atitudes políticas, o autor identifica similaridade e diferenças entre os jovens católicos do Brasil e América Latina em relação aos dos países católicos da Europa (França, Espanha, Portugal, Irlanda, Polônia). Em ambos os grupos há desconfiças com as instituições, embora, no primeiro grupo ela seja mais alta. Quando foca na opinião dos jovens sobre qual deveria ser o papel da igreja católica no espaço público, o autor observa que latino-americanos e europeus compartilham o que chama de “uma atitude pendular”: ora defendem o que tem sido chamado uma “neocristandade”, ou seja, defendem que a Igreja católica tenha autoridade na esfera pública; e ora abraçariam o afastamento da religião dessa esfera.

Os jovens católicos são também objeto de análise de outros dois artigos: o de Brenda Carranza e Flavio Sofiati e o de Cecilia Mariz com Wânia Mesquita e Michele Piraciaba. Contudo, diferentemente do texto de Camurça, esses dois artigos não se restringem aos dados coletados durante a JMJ do Rio de Janeiro, trabalhando também com dados levantados por outras pesquisas de cunho bem mais qualitativo.

Brenda Carranza e Flávio Sofiati iniciam seu artigo analisando os dados referentes ao total da população de jovens da JMJ, não distinguindo brasileiros de grupos de outra origem nacional. Além da prática religiosa, a primeira parte do artigo discute os dados sobre suas atitudes referentes à prática sexual e reprodutiva, sublinhando “afinamentos parciais sobre o papel da mulher e alinhamentos institucionais quando os temas abrangem opções éticas em torno a valores consolidados, como os da família e as relações homoafetivas”. Constatando uma maior proximidade dos pesquisados com o discurso conservador da instituição, os autores chamam atenção para a diversidade e pluralidade de grupos e movimentos no interior do campo católico aos quais esses jovens se declaram identificados. A segunda parte do artigo recorre ao conceito de “culturas juvenis católicas”, proposto por Sofiati, para entender a juventude católica contemporânea. Em sua conclusão, os autores sugerem a possibilidade de um jogo de negociação vivido pelos jovens para defender os preceitos mais conservadores defendidos pela instituição sem abrir mão de uma certa autonomia individual.

Destacando os altos índices de frequência à igreja e seus movimentos religiosos declarados por parte dos jovens presentes na JMJ do Rio de

Janeiro, em seu artigo, Cecília Mariz, Wânia Mesquita e Michelle Araújo se perguntam sobre quem são esses jovens católicos mais praticantes e os identificam como jovens universitários. Comparando dados do *survey* com pesquisa qualitativa realizada por Michelle Araújo, as autores refletem sobre o papel de movimentos de conversão e reavivamento da fé católica. Através desses movimentos, os jovens parecem aprender a integrar um discurso moderno sobre a escolha e autonomia individual com a opção pelo catolicismo e seus valores e suas críticas à sociedade mais ampla.

Ao estudar jovens pentecostais da Assembleia de Deus de São João do Mereti, Alexander Magalhães se depara também com uma juventude distinta daquela descrita nos trabalhos de Danièle Hervieu-Léger. Os jovens evangélicos pesquisados por Magalhães não são, contudo, universitários como os católicos do artigo de Mariz, Mesquita e Araújo. Seu estudo qualitativo se debruçou sobre jovens entre 14 a 24 anos que participam de uma Assembleia de Deus tradicional. O autor destaca a valorização pelos entrevistados de sua identidade assembleiana, chamando atenção para o fato deles não questionarem a rigidez dos “usos e costumes” de sua denominação, mesmo que, por vezes, se choquem com práticas contemporâneas da juventude mais ampla. O autor destaca inclusive que o choque com o que chamam “mundo”, de certa forma, parece reforçar a identidade desses jovens que pode ser interpretada como uma estratégia de resistência à modernidade contemporânea.

Já o artigo de Claudia Swatowski, Dayane Silva e Otávio Alvarenga não trata de um grupo religioso específico, como os textos anteriores, mas, foca a religiosidade de estudantes universitários. Ao traçar o perfil religioso de estudantes de graduação dos cursos de Ciências Sociais e de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Minas Gerais, os autores procuram compreender a relação que esses jovens estabelecem com a dimensão religiosa ao longo de suas trajetórias acadêmicas. O trabalho identifica os posicionamentos em torno de questões que articulam o religioso em cada formação disciplinar, as relações que se configuram no ambiente universitário e o contexto sociocultural ampliado em que nossos interlocutores se inserem. Neste sentido, o artigo aponta a articulação entre o perfil do estudante na escolha do curso, a formação acadêmica e as filiações religiosas, como também a forma de vivenciar as narrativas religiosas no contexto universitário. Segundo os autores, os estudantes de Psicologia tendem a manter-se mais próximos a tradições religiosas herdadas – principalmente, catolicismo e espiritismo –, mesmo que sem declaração de

filiação, ainda que também sejam frequentes os casos de trânsito religioso – com simpatia pelas religiões mediúnicas. São também os estudantes de Psicologia – se considerarmos os religiosos e os sem religião com crença –, que se mantêm muito mais afeitos a uma concepção de Deus, de um ser superior ou metafísico, enquanto os estudantes de Ciências Sociais se aproximam mais de concepções imanentes, de uma religiosidade Nova Era onde o sagrado é desterritorializado e dessubstancializado.

Tal como Swatowski e colaboradores, Regina Novaes também não discute em seu artigo nenhum grupo religioso específico. A autora busca ressaltar o papel das novas tecnologias na forma como os jovens experienciam o tempo, engendram subjetividades, alimentam oposições e alianças, impactando de forma significativa o modo como esses jovens vivenciam sua religiosidade, aguçando a erosão do catolicismo como religião hegemônica. Segundo Novaes, emerge desse processo um campo religioso em mutação, menos estruturado e bem mais dinâmico do que no passado. Ao contrário de vários dos textos precedentes, que tendem a ver o binômio juventude e religião com um tônus conservador, o artigo ressalta um outro lado desse imbricamento, mostrando como as iniciativas de jovens que, em nome pessoal ou, de seus coletivos de referência, retroalimentam sua fé com conteúdos novos e questionadores, combatendo discriminações diversas, de religião, raça, gênero e orientação sexual.

Procurando discutir a religião a partir de sua ausência, o último artigo do dossiê, de autoria de Sílvia Fernandes, foca o jovem sem religião. Fruto de pesquisa em andamento sobre jovens de baixa renda, moradores de periferia no Estado do Rio de Janeiro e que se declaram sem religião, o artigo analisa as trajetórias e percepções de três jovens. Os três, que na época da pesquisa se diziam sem religião, tinham sido neopentecostais. Ao discutir sobre como os entrevistados constroem seu discurso de rejeição à religião institucionalizada, a autora avança sua apreciação analítica sobre o processo de desinstitucionalização religiosa. Embora cautelosa em suas conclusões, Fernandes sublinha que esses ex-evangélicos expressam posicionamentos de recuos, “críticos” e, simultaneamente, “flexíveis” em relação às igrejas onde foram socializados previamente. Entre os argumentos para justificar rupturas com as instituições religiosas, é apontada com destaque a “defesa de direitos e liberdade de escolha” nas várias esferas da vida. Esse artigo indica a grande potencialidade analítica da opção metodológica em estudar trajetórias religiosas de jovens e também da opção temática focando processos de desinstitucionalização religiosa, para o melhor entendimento

da dinâmica pela qual a juventude se relaciona com as instituições religiosas na atualidade.

Como se percebe pelo acima descrito, os artigos, que compõem esse dossiê, nem sempre apontam em uma mesma direção. Suas reflexões e dados sugerem também que muito há ainda para ser estudado sobre a questão no Brasil. Desejamos a todos uma proveitosa leitura e esperamos que as reflexões e questionamentos levantados intriguem e estimulem pesquisadores a propor novas perguntas e estudos sobre juventude e religião.